

CAPÍTULO VII

A MORTE

1

E aconteceu que, quando voltou Jesus, a multidão o recebeu, porque todos o estavam esperando.

E eis que chegou um varão de nome Jairo, que era príncipe da sinagoga; e prostrando-se aos pés de Jesus rogava-lhe que entrasse em sua casa.

Porque tinha uma filha única, quase de doze anos, que estava à morte. E, indo ele, apertava-o a multidão.

Estando ele ainda falando, chegou um dos príncipes da sinagoga, dizendo: A tua filha já está morta, não incomodes o Mestre.

Jesus, porém, ouvindo-o, respondeu-lhe, dizendo: Não temas; crê somente, e será salva.

E, entrando em casa, a ninguém deixou entrar, senão a Pedro, e a Tiago, e a João, e ao pai e à mãe da menina.

E todos choravam, e a pranteavam; e ele disse: Não choreis; não está morta, mas dorme.

E riam-se dele, sabendo que estava morta.

Mas ele, pondo-os todos fora, e pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: Levanta-te, menina.

E o seu espírito voltou, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer.

E seus pais ficaram maravilhados; e ele lhes mandou que a ninguém dissessem o que havia sucedido.

Lucas (8:40 a 42; 49 a 56)



E aconteceu que, quando voltou Jesus, a multidão o recebeu, porque todos o estavam esperando.

(Lucas 8:40)

A MULTIDÃO E OS DISCÍPULOS

1 – Ainda que pese a inconstância, o desacerto e a ignorância, a multidão ocupa a nosso ver, lugar de grande importância no Evangelho. A massa ignara, tão desprezada pelos fariseus, como registra João 7:49: *esta multidão, que não sabe a lei, é maldita*, captou de Jesus as mais interessantes demonstrações de poder, quando da execução de fenômenos coletivos, a exemplo da multiplicação dos pães, e possibilitou a expansão de sublimes afeições, haja vista as lágrimas diante do túmulo de um amigo morto. (João 11:35)

A Boa Nova lhe é integralmente destinada e, em cada passagem, os evangelistas citam onde está o povo ou para qual objeto sua atenção se dirige.

Estudaremos neste trecho uma cura alcançada quando alguém da multidão sobe até o Cristo, sendo que acontecerá uma interrupção por causa da mulher hemorroíssa (caso número 2), que toca as vestes de Jesus, quando caminha rumo à casa de Jairo.

2 – Qual o papel devido aos discípulos? Não foram eles que receberam os ensinamentos diretamente da fonte, pois Jesus *tudo declarava em particular aos seus discípulos*? (Marcos 4:34)

Na formação do colegiado de apóstolos, alguns se aproximaram por indicação de João Batista, e poucos por chamamento direto do Mestre. Os primeiros, podemos entender como provenientes da pequena população que adora Deus em simplicidade, distante do separatismo das religiões e, os últimos, como convidados ao Cristianismo por nortearem a vida na honestidade e no trabalho, mesmo se desprovidos de maior experiência no campo religioso.

Se tomarmos o Sermão da Montanha projetando a sua execução ao longo dos milênios, veremos que apenas os aprendizes participam do início, pois *Jesus vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos* (Mateus 5:1); mas ao término, quando a mensagem houver se assentado em todos os corações, então comprovaremos que, *concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou de sua doutrina*. (Mateus 7:28)

3 – Definimos então como discípulo, alguém que se encontra no exercício consciente de seu aprimoramento interior, valorizando as oportunidades de aprender e servir que o tempo lhe proporciona.

Classificamos como multidão aos que, como autômatos, são impulsionados ou arrastados pela força das coisas e das circunstâncias, distanciados da idéia de que toda experiência vivida tem causa e objetivo.

Ao aprendiz compete seguir sempre o Excelso Instrutor para aprimorar-se, e à medida que exercita o autodomínio e se empenha nas tarefas de doação, verifica que todas as demais criaturas, formam a terra que merece ser semeada.

A VINDA DO CRISTO

4 – Percebe-se na atualidade um imenso clamor generalizado de desequilíbrio. Outrora, até há alguns decênios atrás, a decadência moral restringia-se a uma fração da sociedade. Ultimamente, porém, torna-se difícil prever a que ponto de conflito chegaremos, pois os valores éticos mais elevados estão sendo espezinhados de maneira generalizada.

Argumenta-se que sempre foi assim, e que o duelo entre as gerações jamais se ausentou da História. Sem dúvida, mas possivelmente nunca a alteração dos costumes foi tão célere. O psiquismo humano não se encontra habilitado a adaptar-se a este ritmo frenético de transformismo em que os padrões estabelecidos ao longo de séculos de mutações lentas, percam por completo os referenciais mais básicos, a exemplo do que vem ocorrendo com a fragilização dos laços conjugais e o sério comprometimento da célula familiar.

Auscultando este alarido geral, percebe-se que, no fundo, as pessoas não sabem mais prover remédio para suas angústias; esqueceram-se de prevenir-se quanto aos inconvenientes da carência e subestimaram as conseqüências do desespero.

Inconscientemente todos esperam pelo Cristo...

5 – Quando Jesus voltar... Há de sanar todas estas misérias que aprisionam o homem na ignorância, fazendo-o escravo de seus primitivos instintos; há de reconduzi-lo ao caminho da vida verdadeira, graças ao Seu ilimitado amor, compreendendo que tudo procede da imperfeição e não da maldade. Veremos desaparecer então, como por mágica, o conjunto das mazelas que deformam e aviltam todas as criaturas.

Entretanto o Profeta Nazareno já ressuscitou há cerca de dois mil anos. Muitos ainda não o sabem e outros não o crêem. O desconhecimento deste fato incomparável explica o progressivo desvario coletivo.

Cada um que contata com o Cristo Redivivo, recompõe-se, restaura-se, renova-se. Quando este sublime acontecimento tornar-se uma conquista de todos, com certeza teremos a concretização das palavras do evangelista, ao dizer que ***Jesus saindo viu uma grande multidão, e possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos.*** (Mateus 14:14)



E eis que chegou um varão de nome Jairo, que era príncipe da sinagoga, e prostrando-se aos pés de Jesus; rogava-lhe que entrasse em sua casa.

(Lucas 8:41)

O LAR CRISTÃO

6 - Eventualmente alguma outra pessoa que participava das religiões, seitas, partidos e outros segmentos da população, conseguia contactar com Jesus.

Não que o acesso a Ele fosse difícil, porém a maioria dos que o procuravam, só o faziam quando premidos por angústias e enfermidades, cuja solução centralizava todo o seu pensamento e vontade. Mesmo neste patamar de ansiedade, a abordagem que o indivíduo realizava junto ao Mestre, evidenciava todos os seus propósitos e a resposta vinha incontinenti, qualquer que fosse a nacionalidade, classe social ou credo religioso.

Vencer todos os preconceitos da época e prostrar-se aos pés de Jesus demonstrava uma decisão firme de entender-se com Ele, apesar da oposição reinante, e beneficiar-se de sua bondade.

7 – Levar Jesus até a própria casa consigna fatos dos mais raros. Os cristãos geralmente restringem a companhia do Evangelho a determinados locais, em especial aos templos religiosos, e excepcionalmente à execução de serviços de caridade nas ruas, favelas e casas de assistência aos necessitados.

Entrar com os mandamentos evangélicos no lar representa um trabalho, ainda infelizmente, encetado por poucos. Com freqüência, as quatro paredes domésticas formam um espaço de vazão dos próprios desejos e expansão de caracteres infelizes, não totalmente superados. Em suma, a residência costuma ser o lugar em que nos liberamos um tanto do árduo dever de nos evangelizarmos, e colaboramos imprevidentemente com o desregramento, o tédio e a agressividade, quando nos excedemos no apego e na posse.

8 – É digno de nota a movimentação de religiosos em geral, na tentativa de edificar células cristãs, Igrejas, Centros, Casas Filantrópicas, Escolas, Creches, Orfanatos, Cidades, Hospitais e outros, são erguidos com a intenção pura e elevada de se oferecer lenitivo e consolo, fé e esperança, agasalho e teto, alimento e remédio aos que sofrem as intempéries, sem o necessário acolhimento. *Embora visando objetivos tão nobres, essas instituições estão quase sempre navegando em noites tormentosas – em face da incompreensão e a desunião dos próprios colaboradores. Deste modo, resulta um êxito amargo, uma fragmentação da vitória, e a experiência perde o conteúdo principal.*

9 – Isto não justifica, entretanto, o abandono do setor e a deserção de compromissos.

Verificando tal estado de coisas, somos impelidos a ponderar que, se a tarefa na comunidade constitui a linha de frente, onde nos sentimos chamados a doar o melhor de nós mesmos em favor do semelhante, temos que reconhecer, ainda que por mera estratégia, no reduto familiar, a nossa retaguarda, onde nos abastecemos de afeição e segurança para todos os embates da jornada.



Desinteressando-nos de introduzir as orientações de Jesus em nossos hábitos domésticos, provocamos uma fratura em nosso sistema de apoio, gerando sérios transtornos ao nos deslocarmos para os demais empreendimentos de nosso cotidiano.

O DISCÍPULO E A FRATERNIDADE

10 - Um passo adiante, deparamos com o religioso que embora ampliando extensivamente a área de propagação das máximas evangélicas, esquece-se de incorporá-las à própria casa íntima.

Introjetar o Cristo em si mesmo, requer duas condições:

a) Pairar acima da multidão; *todos o estavam esperando*, porém só um antecipou-se em condições de dialogar. Isto significa sair da espera cômoda em que muitos se conservam, sujeitos a intermediários vivos e mortos, e conversar diretamente com Ele, de coração para coração.

b) Prostrar-se aos pés do Mestre. Aceitá-lo como possuidor de todo o conhecimento que uma vez assimilado, permitir-nos-á andar com liberdade e equilíbrio em todos os caminhos do mundo. Sem este espírito de adoração à verdade, continuaremos fazendo apropriações parciais, como se somente de tempo em tempo, admitíssemos a autoridade do Cristo para nos ensinar a viver, ou reduzíssemos sua utilidade a aspectos isolados do percurso.

11 - Entrar a fraternidade no coração, que representa a casa interna do homem, é um acontecimento muito singular. Interferindo na gênese dos sentimentos, estabiliza-os num clima edificante; clarificando a consciência, resulta em atitudes nobres e integra a criatura em definitivo na lei do trabalho.

Mediante a ação do amor fraterno, desmoronam os mais acirrados preconceitos e intransigências, origem de diversas patologias. A germinação deste sentimento no âmago dos espíritos revela-se uma terapia inestimável. Valorizar o próximo como a si mesmo evita os danosos efeitos de atritos, prevenindo animosidades e contendas, que a seu turno, ocasionariam ódios, vinganças e remorsos.

Somente quem ama experimenta consolo ao perder, esperança quando abandonado e serenidade na vitória, porque já aceitou o decreto de conservar o amor a si mesmo, à vida e ao próximo, haja sempre o que de pior houver, atento de que ao anunciar **que vos amei uns aos outros, assim como eu vos amei** (João 15:12), Jesus não enumerou exceções.





Porque tinha uma filha única, quase de doze anos, que estava à morte e, indo ele, apertava-o a multidão.

(Lucas 8:42)

O DRAMA DA MORTE

12 – Acoimado pela dor e instigado pela perspectiva de um transe difícil, forçado a amadurecer, o ser humano ascende com dificuldade.

A multidão que aguarda passivamente o Cristo tende a apertar qualquer um que se disponha a encontrá-lo, retendo-o nas malhas da inércia e na ilusão do milagre impossível. O sofrimento engendrado pela própria criatura, com a permissão de Deus – o que não significa vontade d’Ele – funciona como impulsor de nossas combatidas forças para a busca de alívio e solução.

13 – Em certo aspecto, desde o instante do nascimento estamos à morte, pois ela é inevitável, embora geralmente imprevisível. Alguns nascem portando doenças graves e alcançam longevidade surpreendente; outros, em aparente hígidez, não ultrapassam horas ou meses.

O mergulho do espírito na carne produz uma restrição muito grande nas suas percepções, de modo que, comumente, passa a ignorar por completo a futura desencarnação e ocupa-se de modo exclusivo com as coisas deste mundo. Adoecer gravemente transforma-se, então, numa tragédia. *O risco de morte que pesa sobre todas as cabeças e retira milhares de seres da crosta terrestre a cada dia, quando se mostra mais palpável em alguém, causa pânico e inconformação.* Poucos, para não dizer raríssimos, lembram-se nestas horas de buscar o doador da Vida, base para todo e qualquer recurso adicional.

14 – A dramatização dos familiares que acompanham a enfermidade de um de seus componentes em geral supera, proporcionalmente em muito, a gravidade do caso, e fornece elementos para incrementar a insegurança do paciente, dificultando o êxito do tratamento utilizado.

Pretende-se a erradicação dos sintomas clínicos em tempo mínimo, independente da causa, ainda que os meios empregados resultem em danos maiores no futuro. Não importa. O que em realidade comanda as decisões e seleciona o método terapêutico é um insuportável medo da morte ou perda.

15 – Muitas pessoas, conforme já pudemos comentar sobre idiosincrasia, prescindem de qualquer situação concreta para sofrer a tensão da morte.

Acham-se em constante sobressalto ante a idéia de que algum dia experimentarão a ruptura dos laços que o prendem à matéria e aos entes queridos, numa agonia mental que perdura anos e repercute danosamente no seu organismo.

16 – Encontra-se na multidão com mais freqüência uma despreocupação leviana perante a morte, ocasionando demasiado susto e temor quando ela ameaça surgir nos arredores.



Na maior parte do tempo vive-se morto, absorvido integralmente na satisfação das requisições sensoriais, reduzindo a vida a uma estimulação permanente dos cinco sentidos, incluindo-se o sexo como um departamento especializado do tato. A degustação dos diferentes sabores em ritmo de alimentação excessiva constitui um dos objetivos mais importantes na existência de muitos indivíduos. Então a iminência da morte transforma-se em algo aterrador.

Para que o príncipe da sinagoga chegasse a se desvencilhar do comportamento habitual das massas, de se desesperar frente a um agonizante estimado, tornando-se então um enfermo emocional – ainda que transitório – e mantivesse a serenidade interior e as atitudes equilibradas que lhe possibilitariam providenciar recursos, seu pensamento havia já se demorado nas meditações e aprendera a agir coerentemente à sua crença.

Durante os cultos na sinagoga e na vivência prática dos ensinamentos ali hauridos promovera uma lenta e consciente superação de seus próprios limites.

17 – Ah! Os filhos... Como são amados!

Com quanta sabedoria Deus confeccionou os descendentes de todos os seres, a começar das plantas e animais, culminando no homem. Quantos recursos de candura, meiguice e encanto a cintilar nas feições e gestos dos pequeninos, capazes de sensibilizar os corações mais endurecidos e reaproximar os mais indiferentes!

Não fosse o vento, e a árvore deixaria todas as suas sementes caírem ao seu redor, para proteger os rebentos com sua própria sombra. Entre os animais, inclusive os ferozes, constata-se muita vez ternura e abnegação no cuidar dos filhotes.

FILHOS DESCONHECIDOS

18 – Aos poucos, apercebe-se o homem de que também são seus filhos, além dos oriundos da carne, os atos, as palavras e os feitos. Tudo o que sai de cada um representa criação dele, sendo, portanto, o pai, o responsável direto pelo que passa a existir por seu intermédio.

O instinto fundamental do espírito é criar¹ e todos o fazem automaticamente, mesmo não o sabendo. A co-criação² mostra-se como condição inerente à vida.

O desânimo fabrica a ociosidade.

A invigilância produz a maledicência.

A imprevidência acarreta sobressaltos.

A agressividade culmina em violência.

O ódio elabora tragédias.

Do erro nasce a experiência.

A fé cria a auto-superação.

A caridade gera o socorro.

Do amor brota a amizade.

Enfim, do silêncio inveterado ao discurso loquaz, da apatia imobilizante ao dinamismo empreendedor, e da ausência de pensamento ao fluxo incessante de idéias, estamos, invariavelmente emitindo os frutos de nós mesmos. Qualquer que seja o gênero de vida, estamos dando as nossas realizações à luz, e pelas obras é que se pode conhecer a cada um.



19 – A somatória de todos os feitos de uma criatura, no bem ou fora dele, forma um conjunto uno. São como filhos procedentes de um mesmo pai. Computando todos estes rebentos desde a fecundação até a morte da criatura, obteremos um resultado final que abrange todas as suas criações ao longo deste período. Esta soma das obras ou realizações de cada um, que chamamos de vida é sua filha, ou seja, reunindo tudo o que alguém gerou, temos uma grande descendente. Portanto, ninguém tem outra filha que não seja a própria vida, onde construímos através de pequenos gestos do cotidiano as partes que comporão o todo final.

20 – A existência do ser humano, mesmo quando quase completa, nos prenúncios da desencarnação, revela-se ainda muito pequenina em conquistas e edificações. Apresentando a ficha de registro dos melhoramentos ao longo das décadas vividas, transparecem as construções frágeis e as virtudes diminutas.

Ao trazer perante o Cristo, a filha única que tem, isto é, a sua vida, o indivíduo verifica que apenas iniciou os primeiros degraus da evolução, mas pelo fato de já ter superado o primeiro e atingido o número dois, alcançou nível suficiente para abordá-lo.

Doze anos...

1, 2 (3,4,...) Começo da evolução, porém, o bastante para buscar o Evangelho.

21 – O 1 (um) mostra-se como sempre sendo o número do eu.

A criatura extremamente fechada em si mesma, dedicada à satisfação exclusiva de suas necessidades e cuidando apenas de seus interesses particulares, exhibe um grau de impermeabilidade acentuada aos argumentos cristãos.

A presença do Cristo na Palestina faz supor que uma parte da humanidade já houvera saído do egoísmo subjugante para uma postura de pequenos grupos, sobretudo o familiar.

A união profunda de duas pessoas para qualquer empreendimento continua sendo o mais intrincado problema para todos os que respiramos na superfície da Terra, em face da férrea prisão em que o orgulho nos mantém. Por este motivo entende-se a incrível dificuldade de adaptação conjugal, na quase totalidade dos casos, e ao mesmo tempo, entrevê-se a razão do casamento ser considerado estatuto divino, ao ensejar oportunidade inigualável para fomentar a capacidade de ir-se curando aos poucos da chaga do separatismo.

Para que os discípulos não titubeassem quanto ao objetivo da evolução, englobando dentro do coração, em genuína fraternidade, uma porção sempre crescente de indivíduos, legou-nos o Mestre uma límpida observação: ***Tudo que ligares na terra será ligado no céu.*** (Mateus 18:17)





***Estando ele ainda falando, chegou um dos príncipes da sinagoga, dizendo:
a tua filha está morta, não incomodes o Mestre.***

(Lucas 8:49)

PESSIMISMO

22 – É interessante observar que os três evangelhos sinóticos interrompem a narrativa ao terminar o versículo anterior, para descrever a cura da mulher que tinha um fluxo de sangue, e reiniciam a seguir, a descrição da cura da filha de Jairo.

Faz-nos pensar que, enquanto raros propugnam por uma interiorização do Cristo, tentando conduzi-lo para a intimidade de suas vidas como o príncipe da sinagoga, muitos lançam mão de contatos superficiais para modificações apressadas, pobres de virtudes; o caso da mulher hemorroíssa também se destaca pela ausência de oposição do meio em contrapartida, recebe de Jesus um nítido questionamento, encerrando, como sempre, com seu generoso estímulo.

23 – Ainda sob a influência de uma cura parcial no ambiente, um dos conhecidos de Jairo, tenta desestimulá-lo, sob a alegação de que não restam mais esperanças para o caso de sua *filha*. *A tentativa de impedir de algum modo a renovação do crente atesta que sua iniciativa é proveitosa e fecunda. As pessoas em geral, não se abalançam a opor-se a alguém, quando suas modificações pouco ferem os hábitos vigentes.*

Destaca-se neste ponto a utilização de uma técnica costumeiramente eficaz para infundir desânimo em novatos. Trata-se do *agora é tarde demais, que pena não ter chegado a tempo, ou de que adianta agora?* A emanção de pessimismo detém alto poder de penetração e bloqueia o movimento incipiente de renovação em muitos desavisados. Aduzir raciocínios tipo a filha já está morta, significa crer nos pecados irreparáveis, seja por um grande crime, seja por uma existência inútil, isto é, zero de aproveitamento.

FILHA ÚNICA

24 – Façamos um intervalo para algumas considerações sobre a interpretação da *filha* como sendo a própria vida de cada um.

O verbo *ter*, empregado na frase *tinha uma filha única*, merece na página *A verdadeira propriedade*³ excelente abordagem, e define como posse legítima a *inteligência, os conhecimentos e as qualidades morais*.

Não paira qualquer dúvida de que Jairo, como todos nós, temos uma filha única. A letra do Evangelho está sempre correta; o espírito na letra é que suscita discordâncias porque cada um vai aplicá-lo como o vê, em decorrência do seu grau de evolução.

Ninguém possui os filhos da carne. Pertencem-se a si mesmos e a Deus. Por mais que os queiramos justapor ao nosso eu, trazem os seus destinos, suas dores, suas metas. Do que sai de nós, ao contrário, jamais conseguiremos nos desfazer. Ainda que em absoluto silêncio e numa paralisia total – experimentando fugir a qualquer comprometimento ou interação com o ambiente – estamos gerando solidão e miséria em nossa existência.

Na assertiva do Apóstolo Paulo de que *tudo que o homem semear, isto também ceifará* (Gálatas 6:7), nós ousaríamos adicionar que esta semeadura é ininterrupta, em pensamentos, palavras e atos. É impossível permanecer um instante sem plantar. Estes filhos, vemo-los inapelavelmente incrustados ao nosso próprio destino; assim que os produzimos tornam-se apêndices nossos, porque as conseqüências voltam matematicamente à origem.

Por isto, já o dissemos, a somatória das realizações da vida de cada um formam um produto único.

Mais adiante veremos porque Jairo produziu uma filha e não um filho.

EUTANÁSIA

25 – *A tua filha já está morta, não incomodes o Mestre.*

Conforme dissemos um pouco antes, a convivência com a morte ainda é algo bastante incômodo para as pessoas, e no intuito de se evitar um enfrentamento face a face, tomam-se diversas providências. A mais comum é hospitalizar. Por este mecanismo, transfere-se grande parte dos serviços de assistência ao enfermo para profissionais competentes e cumpre-se o objetivo de prolongar a vida dos doentes. No entanto, em muitas ocasiões, perde-se valiosa chance de se cuidar de familiares no recesso do lar, o que transmitiria às crianças presentes os fundamentos da solidariedade, e as experiências vividas com a enfermidade e a desencarnação.

Aos poucos, o ser humano reduz sua capacidade de conviver com o fenômeno da morte, e foge destas situações dolorosas, infantilmente, pretextando que *devia se fazer tudo o que era possível.*

Estamos nos dirigindo, é bom que fique bem claro, especialmente aos casos de pacientes em estágio terminal, cujas internações hospitalares somente oferecerão paliativo, e as eventuais curas são classificadas como espontâneas. Em tais conjunturas, o tratamento domiciliar tem enormes vantagens para o doente, pois o carinho de amigos e a atenção dos familiares servem-lhe como uma medicação extra, de incalculável préstimo.

Mas, é raríssimo encontrar alguém com estrutura psicológica para cerrar os olhos, de um moribundo, em sua própria casa, tranqüilo de ter cumprido uma missão. Preferem antes, depositá-lo nas enfermarias nem sempre aconchegantes de nossos gigantescos nosocômios. *Tendes dado aos hospitais ar, luz, higiene, asseio. Entretanto, eles são de produzir calafrios. Lembrai-vos de que nestes lugares de dor não está somente o corpo de um animal, mas também a alma de homem. Há neles mais necessidade de flores, de música e, sobretudo, de bondade, de palavras afetuosas e sinceras de que de análises microscópicas e radioscópicas, esterilizações e de esplendores de ciência.*⁴

26 - Ao defender o enfermo de ser submetido a internações massacrantes com a finalidade de dilatar sua vida por períodos extremamente curtos, não significa jamais que estejamos recomendando a eutanásia, que se constitui num processo refinado de não se encarar os momentos do desencarne.



Nós pensamos que nos recursos terapêuticos a se usar deve-se ter em consideração a idade e a patologia do doente. Não faz sentido acumular um paciente portador de moléstia crônica e incurável, já em fase terminal, de tubos, cateteres e indicadores, perturbando-lhe as últimas horas e arrastando por mais tempo uma triste agonia. Melhor fora realmente, cercá-lo de familiares, e reduzir a medicação ao indispensável.

Alguns objetarão que isto é eutanásia disfarçada, mas acreditamos tratar-se apenas de uma priorização diferente dos medicamentos. Em primeiro lugar os que atuam no coração, tais como o afeto, o carinho, a solicitude e a ternura, e depois os que penetraram na circulação sanguínea pelas vias usuais de aplicação.

27 – Tomando-se as medidas humanísticas em relação aos enfermos, e dispostos a aceitar a morte como fato integrante da vida, não há motivo nenhum para forçar o prolongamento desta além das possibilidades das forças orgânicas e igualmente não se interessa por qualquer manobra que antecipe o desenlace, o qual surge em seu tempo certo.

A Doutrina Espírita nos revelou o imenso valor das meditações derradeiras da criatura, ensinando-nos a respeitar os desígnios superiores, porque nestes minutos finais, a alma pode alterar propósitos e sentimentos, e penetrar os pórticos transcendentais em nova e salutar sintonia mental.

28 – Diante, pois, do paciente dito incurável, do agonizante, e do *desenganado*, não ouçamos aos pessimistas do *não há mais nada a fazer*. Levemos até eles, e lutemos pelo direito de receberem antes de tudo, o nosso apreço, nossa estima, nossos cuidados e nossa amizade, a fim de que estejam seguros de que nosso amor superou o duro impacto destes momentos dolorosos e adversos.



***Jesus, porém, ouvindo-o, respondeu-lhe, dizendo:
- não temas; crê somente e será salva.***

(Lucas 8:50)

CONCENTRAÇÃO NO TRABALHO

29 – Embora esteja escrito que *Jesus respondeu-lhe*, o que nos faz supor que seria dirigindo-se àquele que acabara de falar, percebemos pela resposta que seus dizeres foram endereçados a Jairo, fornecendo-lhe sustentação para perseverar em suas metas.

Extraordinária lição, na sutileza deste comportamento. Não perde tempo, não se desgasta, não corre risco de polemizar, não retruca, e nem revida. Alguém acaba justamente de espargir desânimo como se o Cristo não soubesse em que condições estava *a filha* do pedinte e não fosse capaz de socorrê-la, em qualquer estado que se encontrasse. Além de ignorar esta intromissão, não tenta esclarecê-lo; não o admoesta, não argumenta, não o doutrina. As criaturas vibrando nesta faixa mental, por enquanto, estão refratárias a todas as ponderações evangélicas. Demonstrou num átimo, sem nenhuma ostentação, sem humilhar ou ferir, o que Ele já houvera ensinado no excelso Sermão do Monte: *Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas.* (Mateus 7:6)

O MORTO VIVO

30 - Incontinenti, o Cristo atua sobre o candidato à renovação, cuja filha estava à morte, na opinião dos mais chegados, já morrera. De que enfermidade padecia?

Todos os atos da vida haviam produzido nada; tantos labores e competições, exercícios e manobras para reconhecer que tudo ficara limitado ao campo da matéria. Sentia o oprimente fardo da existência inútil; captava do retorno a si, o reflexo das próprias ações vazias; a esterilidade dos empreendimentos feitos doía-lhe sobremaneira na alma. Não fecundara psiquicamente a ninguém, nem introduzira algum conceito superior nos familiares... Nunca atinara em qualquer empreitada, que o pensamento sobrevive além dos sucessos da época, e portando, a consciência vigia sempre.

Conhecera o êxito social. Experimentou a escala dos cargos e fez-se lídima autoridade. Desfrutou os privilégios que tal façanha proporciona aos vencedores. No entanto, admitia que o conjunto de todos os feitos – filhos diletos da sua personalidade – morriam à míngua de espírito. Sim, porque toda a existência fora devotada a alcançar objetivos imediatistas e vantagens transitórias. Lamentava-se, agora, de que muito pouco acrescentava à sua bagagem espiritual e que sua influência nas pessoas induziu-as a satisfazer falsas necessidades, patrocinando um comportamento frívolo ao redor. Houvera vivido, mas percebia que vegetara. Fora um viver sem vida, pois, conforme assevera o Apóstolo dos Gentios, a criatura ... *que vive em deleites, vivendo está morta.* (Timóteo 5:6)

REAÇÃO CURATIVA

31 – Os primeiros contatos com o Evangelho atraem os infalíveis testemunhos. As pessoas mais chegadas são, via de regra, os porta-vozes do desestímulo; colorem com sombrias marcas os percalços do crescimento interior, e, com rara destreza, atingem nosso ponto mais vulnerável, pelo muito que sabem de nosso passado.

Entretanto, a presença do Cristo segue-nos a cada instante. Retomar as rédeas de nossa própria evolução, rompendo os laços com as diversas futilidades que nos têm entretido os dias, significa profunda cirurgia psíquica. Há ocasiões em que a ruptura se nos parece impossível e tememos fracassar. *Parecia-nos tão inocente desfrutarmos de regalias, que nem dávamos atenção aos discretos gemidos da consciência.* Agora lutamos contra o desejo de ocupar esta posição de destaque, e a batalha possui tal intensidade que muitas vezes prostramos, supondo-nos irremediavelmente aprisionados aos fascínios destas vantagens. Transforma-se, então o embate num corpo-a-corpo em nosso íntimo. De um lado, a atração quase incoercível por aquilo que cultivamos longo tempo, e do outro, a vontade enfraquecida de renovação e liberdade.

32 – Para que não venhamos a provar o amargo sabor da derrota, legou-nos Jesus esta pequenina orientação: *Crê somente.* A fé continua sendo a medicação por excelência, nas críticas fases de claudicação da alma. A confiança em nosso potencial de transformação deve-se assentar numa razão muito simples; o nosso aperfeiçoamento é inevitável, pois somos uma centelha de Deus temporariamente contraída.

Bem aventurados os mansos, abarca todo aquele que se mostra submisso aos ditames da evolução; resistir-lhe, seria apenas gerar sofrimento para nós e adiar a própria felicidade ou salvação.

Acontece, porém, conosco um crer labial, sem adesão plena do espírito. Somos capazes de proclamar ardorosamente que *mais bem aventurada coisa é dar sem receber* (Atos 30:35), mas as nossas ações contradizem de modo absoluto as nossas palavras. Ainda não acreditamos plenamente em afirmações deste teor. Achamos provável que seja verdade, mas como nunca renunciamos ao recebimento, também não chegamos a experimentar o júbilo de doar. Nossa filosofia pessoal permanece baseada em cobranças e expectativas de retorno em tudo o que aparentemente era desinteresse pessoal e desprendimento.

Quando tomarmos como fundadas as assertivas do Evangelho e as praticarmos em essência, estaremos, só então, demonstrando crer nas escrituras e na salvação prometida. Até lá, seremos meros observadores, propagandistas entusiastas, pesquisadores meticulosos ou polemistas inflamados, todos aguardando o incomparável momento de acreditar sem meio termo, para finalmente executar e obedecer, como institui o Evangelho: *Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.* (João 14:15)



E entrando em casa, a ninguém deixou entrar, senão a Pedro, e a Tiago, e a João, e ao pai e mãe da menina.

(Lucas 8:51)

O PROCESSO TERAPÊUTICO

33 – Superando as tentativas de paralisá-lo, ainda que bem-intencionadas, Jairo prossegue, agora sob a inspiração de Jesus. Encontrou-o e atende-lhe de imediato as prescrições. Já não é o pai quem determina as providências; acompanha as diretrizes superiores, com atenção e disciplina.

Ao retornar ao ninho doméstico levava consigo os medicamentos necessários para promover a recuperação de sua própria vida. O tratamento seria efetuado no recesso do lar, pois exatamente aí produzira o maior número de atos que importava refazer em nível mais elevado.

34 – Esquadrinhemos os três elementos terapêuticos utilizados pelo Mestre neste caso:

1) Pedro – é a forma grega da palavra aramaica Cefas, que significa pedra, rocha. O processo de reestruturação da personalidade enferma careceria de muita firmeza. Existiam dificuldades enormes e riscos sem conta, mas com fortaleza de ânimo vencer-se-ia.

2) Tiago – dentre os apóstolos foi o primeiro mártir, sucedendo a Estevão. Além de firmeza, o tratamento exigiria determinação plena, até mesmo disposição ao sacrifício. Morreria um príncipe para renascer um homem.

3) João – O mais jovem, incumbido de zelar por Maria. Surgindo um novo Jairo, seria preciso que ele mesmo se protegesse, valorizando suas florescentes características cristãs. A princípio, estranhá-las-ia, seria ridicularizado, contudo, com carinho e vigilância elas sobreviveriam.

FILHOS INDIRETOS

35 - Aparece nesta fase um novo personagem da maior importância na fisiopatogênese do caso. Trata-se da mãe, conduzida igualmente pelo Cristo ao núcleo de terapia. A presença materna simboliza todas as criaturas que nos aceitam as atitudes, palavras e pensamentos, fecundando-se por intermédio deles e posteriormente gerando filhos semelhantes ao exemplo que lhes oferecemos. Destes últimos, temos uma responsabilidade relativa, e precisaremos influenciar de modo saudável no futuro, criando rebentos dignos. Todos aqueles que nos assimilam de alguma forma e modo de ser, representam o elemento feminino em nossas vidas, na incessante permuta criativa em que nos vemos submetidos.

Ao analisar criteriosamente a existência e programar uma renovação profunda, o indivíduo por certo sentirá a presença invisível daqueles nos quais tenha incluído noções e comportamentos inconvenientes. Esses personagens silenciosos, suscitados pela memória

do paciente, denunciam a extensão dos seus deslizes, contudo o passado não deve ser supervalorizado. *Não julgueis* abarca inclusive a si mesmo, alijando os fantasmas do remorso e da culpa, que às vezes encarceram a alma por longo tempo.

PERÍODO FEMININO

36 – Finalmente, focalizemos um pouco mais o último item, a menina. Enquanto raciocinávamos com os dados oferecidos pela iniciativa do enfermo buscando o Mestre, só víamos o pai, ou seja, os descendentes diretos, aquilo que sai de cada um. Assumindo o Divino Médico a condução do tratamento, convoca a mãe, revelando-nos que a menina se compõe também de filhos indiretos, produzidos por outros, graças à nossa influência. Outra observação refere-se ao fato da criança ser do sexo feminino. A feminilidade se manifesta através de muitos sinais, por exemplo, a expansão, em antagonismo ao pólo masculino que se caracteriza pela concentração. Os indivíduos e as coletividades vivem fases predominantemente masculinas (ativas), alterando com femininas (passivas)⁵. Quando o indivíduo alcança as metas básicas delineadas por ele mesmo (período masculino) e não tem mais objetivos, inicia-se um ciclo de predomínio feminino, onde prevalece a função de desfrutar os prazeres e benefícios da posição conquistada.

As criaturas cujas vidas se resumem em fruir vantagens que a projeção social lhes faculta, apresentam, com frequência, reduzida cota de realizações e empreendimentos. Cultivam gostosamente o lazer e, quando muito, dedicam-se às artes e à prática religiosa convencional. Desta forma, entende-se porque o príncipe Jairo vivendo em regime de acomodação, havia gerado uma menina. Fosse ele ativo, dinâmico, empreendedor, e teria um filho. Todos os dois tipos, masculino e feminino são igualmente necessários ao equilíbrio da vida. Não há qualquer conotação depreciativa nestas observações. Trata-se unicamente de uma hipótese de explicação, pois no Evangelho nenhuma palavra é destituída de significado profundo e lógico.

PORTARIA

37 – Já vimos que Jesus assumiu efetivamente o comando do processo terapêutico do caso. Analisemos um pouco mais de sua tática. *Entrando em casa, a ninguém deixou entrar*, senão aos seus próprios auxiliares, prolongamentos d'Ele mesmo.

Carecemos de meditações prolongadas sobre os ensinamentos evangélicos para compreendê-los e assimilá-los. Enquanto estivermos dispersos, atendendo a sugestões variadas e hipnotizados pelo brilho de outros pensadores, nada de concreto obteremos de nossa convivência com as escrituras as quais acharemos por demais herméticas. Todavia, se o nosso pensamento demorar-se por mais tempo em seus conceitos, escavando com perseverança e sem pressa, surgirá em nossas mãos um incomparável tesouro, cuja luminosidade nos guiará em todas as horas, sem riscos de erro, e aprenderemos também a só permitir em nosso mundo íntimo, àqueles que propagam idéias e sentimentos consoantes aos do Cristo.



38 – Há que se ter, de fato, uma vigilância em relação aos estímulos e sugestões do ambiente. Estabelecendo um controle na porta de entrada, teremos forçosamente que acumular apenas material de boa qualidade e finalmente só existirá deste tipo nos depósitos da consciência. Tudo que chega até nossos olhos e ouvidos depara com um eficiente detector de utilidade; quando a mensagem não é aprovada, não se registra.

Desenvolve-se simultaneamente uma capacidade disciplinada para não se despendar tempo – insubstituível recurso – com passa-tempos e futilidades. Instituíamos, pois, em nossos sentidos, um serviço de portaria eficiente, de modo, que só penetre em nosso espírito os fatores ambientais que espalham paz, alegria, afeto e segurança, ou contribuam de alguma forma para a edificação do Bem. É para não deixar margem dúvidas, o Evangelho afirma: *Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos...* (Lucas 9:44)





***E todos choravam, e a prateavam; e Ele disse:
não choreis, não está morta, mas dorme.***

(Lucas 8:52)

A MORTE EXISTE?

39 – A filosofia espiritual elucida que a morte nada mais é que um retorno do ser a um estado de liberdade e consciência mais amplas. Jamais a desencarnação seria passagem para a inexistência ou inércia. Tudo no universo se movimenta, se agita, buscando sempre reintegrar-se em organizações mais complexas e aperfeiçoadas.

Neste ritmo incansável em que a natureza tudo aproveita imediatamente, parece-nos antinatural admitir a aniquilação da essência das criaturas, ou mesmo que fosse possível descansar beatificamente, até um futuro dia de avaliação coletiva. Seria, portanto, fugir de toda a lógica, supor que a morte destrói o ser pensante ou separa definitivamente aqueles que partem dos que ficam .

Chorar e prantear os que atravessam a porta sem retorno revela um comportamento humano comum, pois se trata de dor à qual poucos já adquiriram imunidade. *Contudo, entre a tristeza de amigos que se separam provisoriamente e a revolta ou amargura daqueles que tudo sepultam, há incomensurável distância.*

40 – A filha de Jairo não havia morrido; apenas dormia. O príncipe vivera intensamente as sensações corpóreas, que sobrepujaram por completo as funções psíquicas. Seus dias foram tão-só dilatado sono espiritual. Todas as suas realizações somadas agora conduziam a um preciso diagnóstico. O paciente não houvera se recusado a viver, nem se entregara voluntariamente à degeneração de seus potenciais interiores. Empreendera um esforço pessoal, e se transforma em elemento de importância no contexto social. Contudo, o Médico Galileu não tergiversou. Trata-se de um caso de sonolência crônica, ou inatividade espiritual, ou supervalorização das atividades sociais, ou ainda vida vegetativa.

41- É possível que a expressão *não choreis*, seja endereçada aos poucos participantes da equipe de tratamento, como uma injeção preventiva de equilíbrio e de confiança. Logo em seguida vem a explicação quanto ao estado real do enfermo. Parece-nos pouco provável que o Mestre dirigisse esta orientação aos que patenteavam descontrole emocional intenso naquela hora. Todos sabemos que o instante de crise não comporta repreensões ou ensinamentos que, considerados tardios, geralmente incrementam o desconforto e o azedume dos imprevidentes e insatisfeitos. Além disto, a afirmativa se encaixa muito bem se direcionada aos que se conservam em relativa sintonia com o alto, evitando que se contaminem com as idéias do ambiente e percam-se na escuridão reinante.

A FUNÇÃO DA DOENÇA

42 - Um dos escolhos do serviço de auxílio é o envolvimento por parte do socorrista no pessimismo e acomodação do assistido. A enfermidade humana não foge a esta regra. Lastima-se tanto os próprios males, acusa-se com tal ímpeto o destino, que a possibilidade de recuperação escapa por inteiro ao raciocínio do doente. Os amigos e familiares, por sua vez, cumprem o papel de prantear a moléstia, e quando tomam a iniciativa de buscar um recurso, fazem-no em clima vibracional de tanta ansiedade e impaciência, que se tornam incapazes de perceber a função salutar que o patológico desempenha.

A doença constitui invariavelmente uma condição de equilíbrio relativo no qual um organismo consegue-se manter para esquivar-se da morte, e é ao mesmo tempo um estímulo incomparável para a cura. *A doença é condição de saúde, porquanto excita o despertar de todas as resistências orgânicas*⁶. Nada é mais convincente para se desejar a saúde do que a sua ausência. Assim o ciclo se fecha em si mesmo, e a enfermidade à primeira vista um mal e castigo, mostra-se como um desajuste que contém intrinsecamente um dispositivo que leva à sanidade.

As alterações orgânicas enquadram-se também no grupo das coisas neutras. Revelam, sem qualquer margem a dúvidas, que um quadro mental semelhante as originou, contudo, podem ser utilizadas bem ou mal, com sabedoria para libertar-se da causa, ou com ignorância para acentuar o próprio sofrimento.

43 – Estejamos atentos ao significado que a enfermidade cumpre em nossas existências. Ouçamos acuradamente a linguagem silenciosa dos sinais e sintomas, sem choro ou revolta. *Só é possível doer algum órgão se anteriormente nos ferimos, por invigilância, em alguma parte de nosso vasto psiquismo.* Se dói a palavra indevida, escoriando o amor próprio hipertrofiado, surge, por exemplo, uma dor física depois de poucas horas. Quando algo nos incomoda na situação familiar, e as manifestações de aversão ou antipatia dominam nossa afetividade, eis que surgem inapetência e vômitos, alertando-nos para a necessidade de aprendermos a digerir adequadamente todas as circunstâncias da vida.

44 – O aparecimento da enfermidade permite-nos visualizar melhor algum aspecto de nosso eu que se encontra desajustado. Imensa quantidade de gente continua dormindo em relação ao entendimento da doença. Combatem-se os sintomas como se fossem perturbações estranhas ao organismo, as quais se devem erradicar sob todos os meios possíveis. Associar moléstias e personalidade parece-lhe um devaneio. Tão concentrada se acha nas alterações fisiológicas, que se revela morta para a compreensão do conceito da enfermidade humana. Daí o temor incontrolável a alguma patologia grave, o que denota amplo desconhecimento de sua origem.

45 – *Admitir que a saúde e a vida estejam à mercê de circunstâncias externas é ignorar não só a justiça divina, bem como a predisposição do organismo.* Numa epidemia



de meningite, uma fração pequena da população fica acometida e, desta, alguns se recuperam completamente, outros permanecem com seqüelas, e poucos morrem. No futuro saberemos classificar o grau de vulnerabilidade em função do temperamento. Todavia, hoje além dos recursos médicos e farmacêuticos devemos tomar outras providências, dentre elas, banir o medo, que paralisa o indivíduo, impedindo-o de outras iniciativas necessárias. E se visitado por elemento indesejado, como o meningococo, à maneira de uma tempestade em alto-mar, recorramos ao Divino Médico com toda a confiança, porque quanto mais adverso o resultado, tanto mais necessitaremos de Evangelho em nossas almas. Por isto ele nos asseverou: *Não vos deixareis órfãos.* (João 14:18)



E riam-se dele, sabendo que estava morto.

(Lucas 8:53)

PARADA CARDÍACA

46 – Quanto mais se ignora um determinado tema, maior a facilidade para se opinar ou atingir conclusões aparentemente definitivas. Tudo o que se tem como verdade inquestionável suscita ironia, ódio ou retaliação, se porventura alguém contesta ou discorda. Torna-se então, extremamente rara a atitude científica ou racional, de se reexaminar aspectos considerados óbvios ou notórios, à medida que surgem idéias e hipóteses diferentes das já consagradas. É menos trabalhoso rir e ironizar do que analisar o assunto criteriosamente.

Na atualidade o ser humano acostumou-se a ridicularizar as teorias espiritualistas. Aguarda que as pesquisas de laboratório definam tais incômodas questões, entre a mofa e a hipocrisia complacente para com os que crêem. Entretanto, se por um minuto apenas o incrédulo admitisse refletir séria e honestamente que a morte consiste numa passagem para outras dimensões, teríamos uma reação geral menos imatura perante este fenômeno.

47 – O corpo da filha de Jairo com certeza estava morto. Não há relato de enfermidade antiga, o que nos faz supor como *causa mortis* alguma doença aguda de rápida evolução. Deste modo, o espírito devia encontrar-se ainda intensamente ligado ao seu vaso físico, inconsciente de sua verdadeira situação e tentando instintivamente manter as funções vitais. Entregue a si próprio, a putrefação orgânica seguiria seu curso inexorável, e o espírito possivelmente seria afastado por Mentores espirituais em tempo oportuno, graças ao trabalho de socorro do Plano Espiritual.⁷

Até onde alcança a visão de muita gente, um caso nestas condições está irremediavelmente encerrado.

48 – Muitos magnetizadores conseguiram interferir em situações análogas, revertendo o desfecho dos acontecimentos. No entanto a medicina desenvolveu um mecanismo energético e também realiza intervenções em quadros semelhantes com resultados bastante satisfatórios. Em casos de parada cardíaca recente, mediante um instrumento denominado desfibrilador, uma carga de corrente contínua é aplicada momentaneamente na região precordial, e o coração reinicia sua atividade, podendo continuar em funcionamento normal por longo tempo.

Deparamos neste aparelho citado, com a semente de futuras conquistas da ciência, que virão corroborar os fatos da Boa Nova, liquidando de vez com a teoria dos milagres que somente distanciam o homem do Evangelho.

MORTE INTERIOR

49 – Ao enfocar o versículo sob um prisma mais profundo e considerar a filha morta como sendo a própria vida de Jairo, ressalta novamente o magnífico amor ao Cristo. *A capacidade de ir ao encontro e reerguer as criaturas caídas, independente da condição social em que se acham, configura extraordinária lição de fraternidade.*

O verdadeiro cristão dedica tempo e esforço na recuperação de sofredores e delinqüentes, mesmo quando o êxito parece impossível. Busca sanar as misérias sociais tão aberrantes negando-se a concordar com os pregoeiros de que o caos é irreversível. Produz esperança em seu coração amigo, para consolar as dores dilacerantes que a amargura espreita, e não se conforma com as idéias malsãs de que a vida só gera sofrimento e solidão. Carrega sempre em si um fragmento de bondade para espargir em toda a parte; transforma sua presença em serviço útil e desprendimento e aniquila os difundidos e falsos conceitos de que toda iniciativa humana contém excessiva parcela de interesse pessoal.

50 – *Assim, o cristão genuíno sabe que a morte a se combater está muito mais no íntimo das criaturas.* E, ao superar comportamentos padronizados, constrói um novo modelo humano, impermeável ao negativismo, disposto a restaurar este mundo desde os seus alicerces, cumprindo a determinação do Senhor que estabelece: **É chegado o reino dos Céus.** (Mateus 10:7)



Mas ele, pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: levanta-te menina.

(Lucas 8:54)

O GUIA

51 – Tomar o cristo a mão de alguém constitui um quadro de profundo simbolismo. Num primeiro momento ocorre-nos uma relação com o discernimento. Quando o mestre vai adiante de nós, não há dúvidas quanto ao caminho a seguir, porque nos conduz com segurança absoluta, sem vacilações ou enganos. Posteriormente, as mãos santificadas por este contato apresentarão, igualmente, tais características identificadoras através do trabalho nobre e de gestos elevados.

52 – Voltar à vida nem sempre é fácil como se supõe. No processo reencarnatório de espíritos mais evoluídos registraram-se recomendações muito sérias, em relação ao risco de comprometimentos e desvios de metas estabelecidas antes da descida na carne.⁸ Por sua vez, os menos evoluídos também se ajustam para a tremenda batalha de vencer o fascínio da matéria e dinamizar as qualidades incipientes.

É natural, pois, que o auxílio da Esfera Superior se faça presente, na sustentação e direção das primeiras passadas, até que cada um consiga prosseguir por si mesmo.

53 – Apesar da bondade divina estar invariavelmente atuando em favor de todos, raros percebem os reflexos em suas vidas. Do mesmo modo que muitos preferem enxergar apenas neblina e fumaça, esquecendo-se que o sol mantém sua luz todos os dias, grande parte das criaturas não reconhece a misericórdia do Alto a erguer-nos incessantemente.

À medida que nos permite as condições favoráveis para emprendermos qualquer função e abraçar este ou aquele compromisso, ou ainda sonhar e lançar-se na realização de algum desejo, eis a atuação do Céu em nosso benefício, fazendo-nos viver e experimentar, amar e aprender. Sem este meio ambiente, no qual mergulhamos a inteligência e o coração, descobrindo tantas razões para batalhar e variadas ocasiões de servir, estaríamos entregues exclusivamente às motivações internas, sendo provável que a preguiça e a futilidade perdurassem em nós, por um tempo sem conta.

TÉCNICAS de AUXÍLIO

54 – No trecho evangélico, vemos o Mestre segurar a mão da pequena, mas o esforço de levantar-se compete a ela mesma. Há situações em que o apoio é fundamental, contudo, se interfere na livre iniciativa, anula o mérito e traz o risco de conseqüências piores.

Se temos alguém deitado e o ajudamos em excesso, forçando-o a manter-se de pé, há que se encher de cuidados. Só devemos fazê-lo transitoriamente, como uma espécie de estímulo a que se levante em definitivo, e depois ajudá-lo a se deitar de novo, sem escândalo ou censura. Exigir-lhe que se mantenha erguido, se lhe faltam condições para isso, pode facilitar uma queda e o resultado final ser mais grave que o anterior. Assim, à



posição horizontal se acrescentariam os danos do traumatismo e a frustração da impossibilidade de se elevar. Este princípio se aplica a todo tipo de apoio, seja psicoterápico, econômico, moral, político, filantrópico etc.

55 – Se rememorarmos com atenção as nossas vidas em todas as épocas, descobriremos sinais inequívocos das mãos de Deus amparando-nos e alertando-nos.

Se trazemos a mente ainda por demais intoxicada de falsas necessidades; aprisionada a preceitos superficiais; absorvida por atividades onde a ganância predomina ou entregando nossas emoções ao ócio ou desregramento, atendamos à amorosa indução do Mestre e levantemo-nos. De nada valem tratamento e repouso, orientações e remédios, terapias e diálises; tornam-se também ineficazes os passes, receitas mediúnicas, aplicações ectoplásmicas, tarefas de assistência social e estudos doutrinários, se o indivíduo obstina-se em conservar hábitos e idéias, atitudes e propósitos, os quais esposava antes do contato com o Evangelho.

As diversas modalidades terapêuticas à disposição do ser humano representam, indubitavelmente, a caridade divina em favor de todos, mas se quisermos de fato a saúde, ergamo-nos. Mais importante do que a escolha do tipo de tratamento é a disposição de se colocar como agente fundamental do processo de cura. *Em qualquer templo religioso ou serviço de saúde, espera-se uma adesão profunda do doente às prescrições terapêuticas, para que se repita uma vez mais a feliz expressão do Cristo: **Grande é a tua fé: seja isto feito para contigo como tu desejas.*** (Mateus 15:28)



E o seu espírito voltou, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer.

(Lucas 8:55)

VIDA HORIZONTAL

56 – É interessante notar que na ausência do espírito o corpo tende à horizontalidade. Um desmaio ou ligeira perda dos sentidos precipita queda súbita; durante o sono, fogem do organismo as forças que o mantêm de ereto, e a posição vertical se torna impossível. Em todas as circunstâncias em que a mente se apaga, o físico conserva as funções neurovegetativas, mas sem a consciência, indispensável às ações voluntárias, nada lhe resta senão o repouso muscular e o intervalo na vigília.

O versículo ensina deste modo, que a vida em elevação significa presença de espiritualidade. Pode-se, pois, no simbolismo do texto, concluir que quando a movimentação não objetiva crescer o homem interiormente reduz-se a simples trajetória horizontal.

57 – Criaturas existem que, após valiosas experiências em países distantes, revelam as mesmas dificuldades íntimas, sequiosas de paz e compreensão. Muitos outros enriquecem a existência de cursos e estudos notáveis, à maneira de vôos culturais, mas portam, inalterados, os antigos bloqueios na aceitação dos próprios familiares. Temos também aqueles que estagiam em diferentes seitas do círculo religioso, e atingem contato com perquirições de sublime conteúdo, para depois permanecerem atados às suas egoísticas finalidades de viver.

Quando alguém se levanta a surpresa é geral. *Já se incrustou no raciocínio da massa que a existência deve ser horizontal, como um lento e seguro preparativo para a morte.* O lema *abaixar-se para disputar o mundo* constitui-se no único mandamento. Entretanto, se a razão predomina e o bom-senso orienta as atitudes, o indivíduo destaca-se. Termina o sono letárgico na matéria; encerra-se o absolutismo das emoções, e conceitos mais aprimorados surgem em sua tela mental.

58 – Ergue-se a filha de Jairo – ergueu-se ele mesmo. Findava ali um período de horizontalidade; um tempo muito agitado de promoções variadas, disputas, acordos clandestinos, e vida social intensa. Nenhuma meta, porém, que não estivesse completamente aderida à superfície do planeta. O que não envolvia dinheiro referia-se, então, ao prestígio ou à autoridade. O reino, o poder e a glória. Como se situar doravante em relação a estes anteriores móveis de suas ações? Justamente aqueles que o Cristo afirmou serem do Pai ao concluir a oração: *porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre.* (Mateus 6:13)



LIMITAÇÕES DA VERTICALIZAÇÃO

59 – Despertado pela bondade divina, esta se encarregou de inspirar as providências necessárias para que o enfermo alcançasse melhores condições: *mandou que lhe dessem de comer*. Somente através de uma alimentação adequada o nosso paciente poderia se colocar no mundo com chances de sobreviver e conservar sua recém conquistada verticalidade.

Os ideais nobres e o trabalho na coletividade representam ingredientes fundamentais na dieta de todos os convalescentes. Todos nós, vez por outra, encontramos-nos na situação de Jairo, descobrindo aspectos fúteis em nossos compromissos e propósitos. Sentimos ainda enorme limitação para definir nosso campo de atividades, *porque se de um lado há risco de banalidade, vazio e insensatez, no outro extremo somos aguardados pelo isolamento, a falsa virtude e sectarismo*.

60 – Cada um dedica ao seu próprio ideal exatamente o que pode e não o que pretende ou gostaria. O indivíduo curado às vezes se torna instrumento de propaganda daquele recurso que o beneficiou. Medir o quanto se deve doar a causa que provocou gratidão e entusiasmo nem sempre é fácil. As motivações íntimas, compromissos e deveres de cada um formam um indicador silencioso sobre seu papel no meio em que vive.

A fim de que não tenhamos presunção de desempenhar qualquer função destacada entre os servidores do Evangelho, distanciando-nos excessivamente do mundo em que vivemos e nem tampouco continuemos enrodilhados nas comezinhas questões sociais, privando-nos das primeiras lições cristãs que carecemos praticar, traçou-nos Allan Kardec, a indelével página *o homem no mundo*⁹, de onde extraímos o que se segue:

...A virtude não consiste em tornar um aspecto severo e lúgubre, em repelir os prazeres que as vossas condições humanas permitem; basta quando se começa ou acaba uma obra, elevar o pensamento até esse Criador e lhe pedir num impulso d'alma, seja sua proteção para ser bem sucedido, seja sua benção para a obra terminada...



E seus pais ficaram maravilhados; e ele lhes mandou que a ninguém dissessem o que havia sucedido.

(Lucas 8:56)

RECONSTRUÇÃO

61 – Parece-nos que é especialmente em relação ao alimento, o motivo de tanta admiração por parte dos pais da convalescente. Quando retorna o espírito, isto é, a criatura admite hipóteses espiritualistas em suas reflexões, descortina-se um vasto campo de ensinamentos e perquirições até então obscurecido. O encadeamento das idéias e a lógica das conclusões surpreendem o neófito. Ilustremos com uma pessoa que não se permite analisar que a reencarnação exista. Estuda vários autores e pesquisa diversas teorias, abordando problemas fundamentais, e chega a formular conclusões respeitáveis e interessantes. Mas a partir do instante em que acrescenta a teoria da reencarnação no acervo de seus raciocínios, abre-se uma extensa gama de conseqüências e ilações que o deslumbram.

62 – Entendida a causa do espanto, como sendo o fato do recém curado se maravilhar ante a farta refeição que lhe propiciava o Evangelho, investiguemos a técnica empregada pelo Médico do caso.

Acreditamos tratar-se do método da substituição: a criatura tem uma série de atividades e objetivos na vida, e descobre após um período de angústia existencial, que seus esforços anteriores carecem de valor profundo, e decidido a promover mudanças na essência de seus conceitos e propósitos, o Excelso Terapeuta indica-lhe então novas fontes para adquirir os ingredientes adequados e reformar sua casa mental. A destruição do homem velho não basta; é necessário ajudá-lo nos labores em que procura se reconstruir como nova criatura.

A conduta terapêutica foi, portanto, revelar ao convalescente um conjunto de idéias, valores, atitudes e princípios nobres capazes de fazê-lo entusiasmar-se e empenhar-se na assimilação destas novidades.

*É necessário demolir e reconstruir; sufocar individualmente e socialmente a animalidade e todas as suas expressões, substituindo-as por manifestações de ordem superior. Para reedificar é preciso também destruir; depois, substituir e reconstruir. Se a renúncia é necessária como demolição, necessário é substituir o velho por meio de novas paixões, impulsos e criações, para que o ritmo da vida não cesse e o espírito não se torne árido. É necessário que o jubiloso esforço para renascer mais alto supere e absorva o tormento da morte mais em baixo. Evitai as loucuras da renúncia pela renúncia, que deixam perigosas zonas de vazio, onde a alma se atrofia...*¹⁰

DIVULGAÇÃO INOPORTUNA

63 – Procuremos entender agora a recomendação de silenciar sobre fatos ali ocorridos.

O paciente iniciava ali uma etapa de renovação substancial e ampla. Seria um trabalho prolongado e extenuante. Durante um bom tempo assemelhar-se-ia a uma tenra planta, exigindo proteção e cuidados especiais do pomicultor. Neste período, deveria evitar o relato de sua própria experiência e a divulgação de suas impressões. Torna-se indispensável amadurecer bastante as convicções, na forja do estudo e de meditações, antes de apresentar-se publicamente como discípulo. *Muitos daqueles que se inquietam na ânsia de mostrarem-se convertidos, acabam trucidados pela horda dos agressores gratuitos que não se conformam com a espiritualização do homem.*

64 – Percebendo a nossa condição humana ainda por demais frágil, que ocasiona sérios transtornos de relacionamento nos grupos religiosos, como em qualquer outra associação de indivíduos, e ao mesmo tempo, dificulta o progresso de aspectos doutrinários fundamentais, Allan Kardec receitou, preventivamente, o seguinte remédio: *a verdadeira Doutrina Espírita está no ensinamento dado pelos espíritos, e os conhecimentos que esse ensinamento comporta são muito graves para serem adquiridos de outro modo que por um estudo sério e continuado, feito no silêncio e no recolhimento...*¹¹. Como se depreende da citação, as prescrições de Jesus e Kardec são muito semelhantes neste aspecto.

65 – Geralmente, só conseguimos perceber virtudes ostensivas. Apreciamos as qualidades alheias que se avultam perante nossos olhos, por intermédio de fatos, palavras e realizações, contudo, mostramo-nos incapazes de registrar modalidades do bem, quando pouco evidentes. Considerando que a nossa renovação espiritual encontra-se em seus movimentos iniciais, recolhamos a advertência de silêncio como de fundamental importância para nós, calando qualquer fato que projete de alguma forma nosso personalismo e lembremo-nos de que um apóstolo, ao narrar suas próprias vivências espirituais, disse: *Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao terceiro céu.* (II Gálatas 12:2)

ADENDO

66 – Não deve ter passado despercebido ao leitor uma aparente contradição entre o Jairo dos primeiros versículos, que se ergue em cima da multidão, capaz de uma demonstração de fé num momento crucial, e o personagem do restante do capítulo, deitado na horizontalidade dos privilégios sociais, em vida vegetativa. Se fizermos o caminho inverso, encontraremos a coerência que a interpretação do Evangelho requer. O indivíduo está preso à psicologia do poder, onde predomina a disputa por vantagens imediatistas, o tráfico de influência e o exercício da autoridade. Por injunções do papel que desempenha neste contexto, as informações sobre a fé e aspectos teológicos em geral aparecem em seu caminho, e recebem dele apenas um registro; não as despreza, mas também não as assimila. Continua girando em torno de objetivos concretos, incapaz de visualizar nada além da



realidade palpável, até que um lance mais dramático da vida o faz reavaliar toda a sua performance. Dentro de intenso questionamento, acode-lhe à mente a proposta cristã. Premido de dor, encontra no Evangelho (símbolo dos ideais nobres) a solução e a cura de usa enfermidade: o mundanismo.

67 – Apliquemos esta hipótese a todos os níveis sociais, independente da pessoa se abastada ou ocupar cargos de projeção; o que vale é a forma mental.

Todo aquele que tenta usufruir regalias às custas de cargos, funções ou influência, sem produzir a cota de trabalho correspondente, padece desta patologia em grau maior ou menor, esteja nos píncaros da sociedade ou em humilde favela. O tratamento como vimos também é o mesmo, qualquer que seja a posição ou prestígio do paciente: evangelizar-se. Nutrir-se de propósitos edificantes, permanecendo em sua função ou cargo, sem alaridos ou confissões públicas prematuras. *Ingerir as idéias cristãs e transformar-se silenciosamente numa criatura operosa e verdadeiramente útil à comunidade sem qualquer resquício de parasitismo.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ UBALDI, Pietro, DEUS E UNIVERSO, 2ª Edição, Campos, Fundapu, 1984, página 111.
- ² XAVIER, Francisco Cândido. EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS, Rio de Janeiro, FEB, 1959, página 23.
- ³ KARDEC, Allan, O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, 40ª Edição. Araras, IDE, 1984, página 211.
- ⁴ UBALDI, Pietro, A GRANDE SÍNTESE, Rio de Janeiro, FEB, 1939, página 231.
- ⁵ UBALDI, Pietro, PRINCÍPIOS DE UMA NOVA ÉTICA, 2ª Edição 1983, Fundapu, página 252.
- ⁶ UBALDI, Pietro, A GRANDE SÍNTESE, 11ª Edição, São Paulo, Lake, 1979, página 278.
- ⁷ XAVIER, Francisco Cândido, OBREIROS DA VIDA ETERNA, 6ª Edição, Rio de Janeiro, FEB, s.d., página 280.
- ⁸ XAVIER, Francisco Cândido, RENÚNCIA, 10ª Edição, Rio de Janeiro, FEB, 1981, página 27.
- ⁹ KARDEC, Allan O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, 40ª Edição, Araras, IDE, 1984, página 231.
- ¹⁰ UBALDI, Pietro, A GRANDE SÍNTESE, 11ª Edição, São Paulo, Lake, 1979, página 313.
- ¹¹ KARDEC, Allan, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, 12ª Edição, Araras, IDE, 1981, Introdução, página 40.